

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PORTUGUÊS FALADO QUATROCENTISTA E QUINHENTISTA

Mário Eduardo Viaro (USP)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to show resemblances between Brazilian Portuguese and the African/ Asiatic varieties of Portuguese as well the Portuguese-based Creoles. Non-distinctive features of these varieties seem to be as important as the systematic ones by revealing the way to reconstruct the forms where the present words come from.

KEY-WORDS: Creole, Portuguese, Sociolinguistics, Historical Linguistics, Distinctive features.

0. INTRODUÇÃO

Costuma-se afirmar que o português brasileiro, bem como os falares de África e Ásia remontam a um português quinhentista e não são poucos os esforços em reconstruí-lo. Mas para saber que língua veio para o Brasil, é preciso ter em mente as contínuas levas do séc. XVI ao XIX. É também sabido que não há uniformidade nos diversos lugares do mundo em que se fala português e, nesse empreendimento, tanto o português e línguas afins quanto as línguas crioulas derivadas do português são interessantes:

* Português Europeu (PE) e suas variantes regionais. Ligados ao PE teríamos ainda outros grupos lingüísticos românicos ibéricos ocidentais, que se opõem ao castelhano, como o galego, os bables leoneses (incluindo o asturiano, o mirandês, o sendinês), o quadramilês e o riodonorês. Do ponto de vista histórico, há de se lembrar dos falares moçárabes e do judeu-português. O dialeto andaluz do castelhano também possui traços importantes para essa reconstrução.

* Português Brasileiro (PB) e suas variantes. No Brasil não há como se verificou, falares crioulos (exceto talvez no caso da comunidade Helvécia, em Mucuri/BA), embora haja os chamados anticrioulos (português com boa parte do léxico de origem africana), como se vê em Cafundó/SP (cupópia ou falange), São João da Chapada/MG, Patrocínio/MG, Bom Despacho/MG, Diamantina/MG, Luziânia/GO e da comunidade Calunga em Vão do Riachão/GO (COUTO 1992: 71-84).

* Português de Açores e Madeira (PAM).

* Português de Cabo Verde (PCV), que convive com os dialetos do Crioulo de Cabo Verde (CPCV), amplamente utilizado (SILVA 1984).

* Português da Guiné-Bissau (PGB) e o Crioulo da Guiné Bissau ou guineense (CPGB), que é a língua veicular de 27 grupos étnicos e presente principalmente em Bissau, Bolama, Cacheu, São Domingos, Bafatá e Geba. Ao norte, havia a região de Casamança, (com capital Ziguinchor), pertencente atualmente ao Senegal, que sofreu influências do francês (SCANTAMBURLO 1999:15).

* O Crioulo de São Tomé (CPST) e de Príncipe (CPP). Nas mesmas ilhas ocorre o Crioulo Angolar (CPA), com um componente bantu maior que nas duas anteriores.

* A Fá d'Ambu ou Crioulo de Ano Bom (CPAB), atualmente pertencente à Guiné Equatorial, convivendo ao lado do espanhol.

* Português de Angola (PA), de feições bem mais modernas, que convive com muitas línguas do grupo bantu.

* Português de Moçambique (PM), na mesma situação lingüística que Angola.

* Português de Goa (PG) e os diversos crioulos indo-portugueses (CPI), que se encontram Sri Lanka (ex-Ceilão), principalmente nas cidades de Batticaloa e Trincomalee, onde são chamados de *burghers*, isto é, descendentes de europeus. Na Índia havia ainda muitos outros falares, hoje quase totalmente extintos: Cochim, Tellicherry, Mangalor, Cananore, Mahé, Damão, Diu e os chamados dialetos norteiros (Bombaim, Taná, Baçaim, Chaul, Mahim, Bandorá, Korlai, Andheri, Morol, Govai, Manori, Malvan, Versová) e os da costa de Coromandel (Meliapor, Madrasta, Cudalor, Carical, Tranquebar, Pondicheri e Negapatão). As línguas de substrato são várias: em Goa, o concani; no Ceilão, o cingalês e o tamil; em Diu, o guzerate; no norteiro, o marati. Tais regiões tiveram forte influência holandesa e inglesa.

* O Crioulo Malaio-Portugueses (CPM), representado pelos dialetos de Malaca (conhecido como malaqueiro ou kristang), Singapura, Jacarta, Tugu, Timor e espalhado por outras ilhas (Sumatra, Bornéu, Flores, Ceram, Molucas, Celebes), com forte influência holandesa. O Português de Timor (PT) também tem feições bastante modernas.

* Português falado na China (PC) e o antigo crioulo sino-português (CPC), falado em Hong Kong e Macau (dialeto macaísta ou macauense).

Fora esses, costuma-se acrescentar o papiamento (PP) falado em Aruba, Curaçao e Bonaire, nas Antilhas Holandesas, bem como o palenquero (CEP), falado em Palenque de San Basilio, na Colômbia, como línguas com base com base (provavelmente) no CPST e com forte superstrato espanhol (e no caso do PP do holandês e do inglês). Alguns crioulistas propõem uma base portuguesa para um número muito grande de crioulos (para uma discussão mais minuciosa, v. COUTO 1996:140ss)

É preciso ainda conhecer os acontecimentos políticos do período chamado das Grandes Navegações, em que o português foi disseminado pelo mundo. Convém lembrar que nem tudo em língua é conservação, de modo que muitas dessas regiões foram bastante influenciadas mais tarde pelo holandês e pelo inglês e descrições mais amudadas só surgem no final do séc. XIX, quando essas influências já haviam sido exercidas. Desde fim do séc. XIV até pouco mais do primeiro quartel do séc. XV, importa citar o primeiro governante da Dinastia de Avis, D. JOÃO I (1385-1433) e seu filho D. DUARTE (1433-1438). É nesse período que João Gonçalves Zarco chega à Madeira (1418) e em 1427 descobrem os Açores. A essas terras vieram colonizadores de Viana do Minho, Bragança, Guimarães, Porto, Aveiro, Montemor-o-Velho, Viseu, Covilhã, Lisboa, Algarve, Portalegre de Beja. Do PAM atual, cita-se, com frequência, a perda da oposição /l/: /ʎ/ (tal como se vê no mirandês): *grilho*, *filo*, bem como uma tendência para o alçamento das vogais tônicas: *casa* > *coasa* (também na Madeira), *flor* > *flur* (semelhante ao que se encontra na fala amazônica: *canoá* > *canúa* ou no Ceilão *pastur*) e da monotongação: *mão* > *mã*, *terceiro* > *tercero*. As monotongações, comuns em diversos dialetos continentais, como no Transmontano e no Baixo Beirão: *eu* > *e*, sem falar das monotongações meridionais *ou* > *o* e *ei* > *e*, cobrem áreas bastante extensas. É importante lembrar que, ao chegar à Madeira, os portugueses não haviam completado 200 anos de término da Reconquista, com a ocupação do Algarve. Essas primeiras descobertas se devem a um espírito medieval e aventureiro da antiga Cavalaria, como também o foi a tomada de Ceuta em 1415. Migrações eram extremamente comuns e é impossível pensar num português uniforme. A formação de um novo português escrito inicia-se com os escritos de Fernão Lopes e da política lingüística de D. Duarte. Esse português era distinto do utilizado nas narrativas medievais, pela dinastia

anterior, com fortes raízes na França e no Norte do País, sobretudo na antiga capital Coimbra. Ao lado de um maior vocabulário, devido a relatinizações e modernizações, o novo idioma da chancelaria revela mudanças sensíveis, que, sem dúvida, se devem a traços populares, com raízes mais sul-ibéricas, pois era dessa camada popular que provinha a nova corte da Dinastia de Avis. No séc. XV dois outros reis da mesma dinastia avançaram sobremaneira na costa ocidental de África. Durante o período de meio século de governo de D. AFONSO V (1438-1481), Nuno Tristão navega do Cabo Branco até a Senegâmbia (1441-1445), ocorre o descobrimento de Cabo Verde (1460) por Diogo Gomes e Antônio de Nola, para onde foram minhotos, algarvios, madeirenses, canários e africanos. Em 1470 descobrem-se as ilhas de Ano-Bom, São Tomé e Príncipe. No reinado de quatorze anos de D. JOÃO II (1481-1495) prosseguem as investidas no oeste africano: em 1482, Diogo de Azambuja funda a praça de S. Jorge da Mina. Em 1484 Diogo Cão, que havia chegado a Angola dois anos antes, descobre a foz do Rio Zaire e o Reino do Congo. Em 1485 transplantam-se portugueses e escravos do Benim, Congo e Angola para São Tomé. Em 1488 Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança. Em 1493 registra-se a ida de missionários ao Congo com o intuito de ensinar a ler e escrever. No mesmo ano, duas mil crianças judias, tiradas dos pais em Castela, foram levadas para São Tomé, com o intuito de povoar a ilha. Por volta dessa mesma época solidificam-se os contatos com os nativos e o português passa a ser usado como *pidgin*. É deste *português pidgin* que se serviram em outras localidades. Cabo Verde, localidade mais antiga desse período é atualmente fragmentada em dialetos bastante distintos entre as ilhas de Barlavento (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista) e de Sotavento (Maio, São Tiago, Fogo, Bravo). O contato com a língua portuguesa e o crioulo local ao longo dos séculos criou várias gradações: assim se diz “crioulo fundo” às formas de expressão com estrutura e vocabulário menos próximo ao português e “crioulo leve” às formas mais reestruturadas e relexicalizadas. Em diversas outras regiões que seriam descobertas, encontrar-se-á essa situação de diglossia entre um basileto crioulo e um acroleto português, diferença que se vai acirrando com o passar dos séculos, ao mesmo tempo que as mútuas influências se vão efetuando. Em Madeira e Açores, há tendência para alçamento vocálico, de modo que *a > ó* com facilidade: *pato > pót, aço > óç*, mas noutra variante, a forma alçada é *a > é*: *cidade > cidéd, parte > péрте*. Também aqui aparecem formas monotongadas: *mantega, cadera, let < leite, pex < peixe*. Na costa ocidental, outro local onde se encontram formas interessantes para a reconstrução desse português quatrocentista é Guiné-Bissau. O CPGB, extensamente falado nesse país multilíngüe, muito mais do que o português, revela certa semelhança com o CPCV e não são poucas as tentativas de explicação que unam diretamente esses dois falares. De qualquer forma, em Guiné-Bissau se vê com melhor nitidez um alçamento radical do tipo *o > u, e > i*, mas não o de *a*, que mantém a mesma abertura. Por outro lado, em Cabo Verde, o maior contato com o português fê-lo alterar segundo as novas transformações no continente europeu. A passagem *s > [ʃ]* em situação de final de sílaba é datada do séc. XVIII por TEYSSIER (1980: 54-56), mas já aparece em Açores, Madeira e no CPCV, mas não no CPGB, bem como não ocorre no Brasil ou na Ásia (como forma mais antiga). Do final do século XV até pouco antes do primeiro quartel do séc. XVI temos o período de D. MANUEL (1495-1521). Vasco da Gama passa pela futura Moçambique em 1498 e descobre-se o Brasil (1500) aonde provavelmente não chegaram as formas com alçamento vocálico das vogais tônicas. Se chegaram, desapareceram por meio da relexicalização, mas parte da monotongação nos é bastante familiar. Em 1505 os

portugueses visitam o Ceilão. Em 1511, Afonso de Albuquerque domina Malaca e em 1512 tomam Goa. Em 1517, os portugueses enviam expedições ao Ceilão e lá estabelecem benfeitorias e fortalezas. Ao CPI, CPM e CPC chegam formas monotongadas, como do CPCV [ke'ma] por *queimar*, como no Ceilão: [de:'ta] por *deitar*, [ke:'ma] por *queimar*, [pɛ:tu] por *peito*, [pɛ:si] por *peixe*; [pɔku] por *pouco*, [dɔs] por *dous*, [ɔtru] por *outro*, [dɔdu] por *doudo*, mas chega também [kuzɔ] por *cousa*, como no oeste da África, bem como [mojto] por *moito*, [lojta] por *loita*, formas provindas do Norte do PE e ainda vivas no galego moderno. O século XVI é marcado pelo governo de D. JOÃO III (1521-1557), em que se consolida o domínio português no oeste africano, bem como se efetua a expansão portuguesa na Ásia. No seu governo, é feito o primeiro censo demográfico em Portugal (1527) e sabe-se que havia pouco mais de um milhão de pessoas em todo país. Dois anos depois registram-se cerca de mil filhos de português em Goa. Em 1557 os portugueses se estabelecem em Macau (só devolvida à China em 1999). Em 1551 há relatos de que o rei de Benim fala português desde a infância e que os escravos da Mina falam bom português (SILVA NETO 1979:513ss). As escassas variantes do português levadas à África oriental e à Ásia são, portanto, quinhentistas e não quatrocentistas, semelhantes, portanto, às que vieram para o Brasil. O século XVI termina com os governos de D. SEBASTIÃO (1557-1578), que funda Luanda, e do já velho D. HENRIQUE (1578-1580), que culminaram na derrocada de seu poder marítimo. O reino português passa, até meados do séc. XVII à Coroa Espanhola e os governantes habsburgos são: FELIPE II (1580-1598), FELIPE III (1598-1621), FELIPE IV (1621-1640). Nesse período, os holandeses invadem muitas possessões portuguesas, mas o português asiático continua sendo empregado com certa vitalidade até séc. XX. O tráfico negreiro continua muito intenso, de modo que somente de Angola mais de cinquenta mil escravos foram retirados entre 1575 e 1591, vindo a maioria para o Brasil. Fundam-se muitas praças na Guiné, entre elas Cacheu (1587) e Santa Cruz de Guíjala (1595). Nesse período, as autoridades de Moçambique se tornam vassalos de Portugal (1629). Os portugueses foram expulsos do Ceilão pelos holandeses em 1634, mesmo ano em que invadem Bonaire e Curaçao, quase ao mesmo tempo em que chegavam ao Nordeste brasileiro. Durante a segunda metade do séc. XVII e todo o séc. XVIII, o reino está sob a dinastia de Bragança, a saber, D. JOÃO IV (1640-1656), D. AFONSO VI (1656-1683), D. PEDRO II (1683-1706), D. JOÃO V (1706-1750), D. JOSÉ I (1750-1777). Os holandeses continuam a dominar as possessões portuguesas e espanholas. Em 1641 tomam Angola e Malaca. Alguns movimentos para resgatar as antigas possessões foram efetuados pelos portugueses, como a reconquista de Angola em 1648, fazendo que 1662 Luanda fosse elevada à condição de cidade. Funda-se Ziguinchor no atual Senegal em 1645. Os últimos fortes portugueses no Ceilão caem em 1658; em 1660 invadem a costa de Coromandel. Em 1654 o Nordeste do Brasil fora reconquistado pelos portugueses e, cinco anos depois, judeus sefaradis e seus escravos, fugindo da Inquisição, saem do Nordeste do Brasil e vão para Curaçao. Na tentativa de se retomar o prestígio do idioma na Ásia, o vice-rei de Goa obriga o ensino de português naquele local (1684), fato que se volta a ser enfatizado em 1745 pelas autoridades religiosas. Moçambique é reivindicada por Portugal em 1752, mas só se torna efetivamente uma colônia em 1891. Em 1771 quase não havia europeus povoando Ano Bom, para onde se dirigem os espanhóis em 1885. Durante os séculos XVII e XVIII há muitos relatos da parte dos holandeses e franceses sobre os crioulos de base portuguesa na África e Ásia, em Ardra, Benim, Angola, Congo, de Axim ao Volta, na Abissínia, na Malásia, em Cochim e em Malabar, nas Molucas, no antigo Sião, em Bengala

etc. Os ingleses conquistam o Ceilão em 1798 e Malaca em 1795, restituída aos holandeses em 1811 e cedida novamente à Inglaterra em 1824.

1. ORIGEM DAS VARIANTES DO PORTUGUÊS

A coexistência de vários fenômenos comuns tanto ao PB como às diversas variedades do português africano e asiático, fazem surgir diversas hipóteses, que são, na verdade, pressupostos de muitas teorias:

* Há coincidência nas transformações fonética, portanto, para alguns, sob uma ótica ingênua, tanto ameríndios quanto africanos e asiáticos teriam dificuldades na realização de alguns sons e isso explica por que /tr/ é simplificado em /t/ em várias partes do mundo (v.2.1 abaixo). Essa hipótese imagina uma simplicidade articulatória nas línguas de substrato e resvala muitas vezes em preconceitos. Postura semelhante associa certas semelhanças estruturais, sobretudo sintáticas, à crença num certo universalismo pautado em fundamentos neurolingüísticos. Ambas as situações apresentam o ouvinte, no caso o indivíduo pertencente à comunidade que travou contato com o português quatrocentista ou quinhentista, como principal elemento motivador das mudanças. Doravante nos valeremos, para nos referirmos a essa postura, da expressão *hipótese do ouvinte-sujeito*.

* Há semelhanças lexicais e, para outros, inversamente, teria existido uma variante do português, algo como um *foreigner talk* (ou um *baby talk*), empregada exatamente nas circunstâncias de domínio e colonização, falado nos séculos XV e XVI. Esse falar, ainda que não uniforme, teria sido fonte dos diversos crioulos. Opor-se-ia, assim, *falar português a papear crioulo* e esse verbo se encontra por toda a parte: CPGB, CPI etc. e é a palavra de onde surgiu o termo “papiamento”. Neste caso, o falante português foi o principal modificador. Referir-nos-emos a essa situação, em oposição à anterior, como *hipótese do falante-sujeito*.

* Haveria uma deriva no português, em que se preveria uma mudanças fonéticas inexoráveis, como a passagem /tr/ > /t/ acima, ainda que em tempos ou proporções distintos como a passagem /l/ > /w/, que teria ocorrido em tempos distintos e de maneira independente, no português e no francês. Esta é a hipótese que apresenta o próprio código, isto é, a própria *língua portuguesa* vinda do continente europeu como a causa das modificações, que seriam espontâneas. Chamemos simplesmente a essa interpretação *hipótese da deriva*.

Embora não sejam excludentes entre si, as três hipóteses apresentam perspectivas distintas da complexa situação. É de se observar que muitas vezes uma delas é apresentada sob a perspectiva monocausal, uma vez que se pressupõe quase sempre uma corrupção de um acroleto ideal escrito ou de um basileto falado, portanto, oculto. Às três hipóteses é possível contrastar soluções policausais. É sabido que algumas transformações têm datação, como a passagem como *pl* > *ch*, que jamais ocorreu novamente no português a não ser quando da sua derivação do latim vulgar. Outras ocorrem mais de uma vez, como *ai* > *ei*. Há algumas mudanças que parece estarem latentes: *-d-* > \emptyset tem sua datação na formação do português, mas voltou a acontecer na terminação da 2ª pl. verbal por volta do séc. XVI *cantades* > *cantaes*. Como ocorreu somente nesse contexto, é possível pensar que as formas *cantades* e *cantaes* conviviam, sendo a primeira mais prestigiada que a segunda, até a revolução de Avis, quando o basileto se torna acroleto. Se pensarmos numa língua antiga com variantes, a complexidade da língua de origem para formação das variedades atuais aumenta sobremaneira. Por toda parte do Brasil observa-se alguma variação em palavras

corriqueiras como *depois*: no Pará se ouve [de'pus], em Santa Catarina [de'poʃ], no interior de São Paulo, *depois que* é pronunciado [de'poki]. Contudo, por influência da escrita, parte-se sempre de *depois* para explicar as mudanças e fala-se invariavelmente de uma perda da semivogal, quando, aparentemente, é possível reconstruir uma forma **depôs*, sem o iode (cf. CPCV *depôs*; CPI do Ceilão *despôs, despôde, depôs*; CPM *despôs*). O mesmo se pode dizer de *coisa*, que no CPGB se diz ['kusa] (idem CEP, no CPA *['kuza] > [kwa]), no indo-português ['koza]: em vez de partir de *coisa*, com ditongo, seria mais prudente pensar em uma forma **cosa*, proveniente da simplificação de *cousa*. Um terceiro exemplo seria *beijo* que, no Brasil, se diz ['beʒu] e em Guiné-Bissau ['bedʒu]. Mais adequado seria partir de **bêjo*. Também as vogais pretônicas são mal interpretadas. Até hoje lingüistas falam de uma “harmonia vocálica” do E pretônico em *pedir* [pi'dʒi], mas isso só faz sentido quando se leva em conta a escrita. Na verdade o grafema E nesses falares não se tornou o som [i], mas deve-se partir do *[i] mesmo para as considerações, uma vez que se encontra [pi'di] em outros locais lusófonos (cf. CPI noroeste, CPM, assim como em CEP [pi'ri] e no PP). O mesmo exemplo pode servir para a queda do R infinitivo: na verdade, esse -r nunca existiu no mesoleto (como não existe hoje), passando a conviver com formas como [pe'dʒir], quando um novo acroleto foi estabelecido, séculos mais tarde. Resumindo, o PB [pi'dʒi] vem de *[pi'di] e não de *[pe'dir]. Se hoje se diz que o E pretônico ou que o O postônico se alçam no PB [mi'ninu pi'kenu] trata-se de uma confusão entre escrita e fala, pois a forma *[me'nino pe'keno], ainda que espontânea em algumas variantes regionais, só é um ponto de partida em considerações históricas por causa da milenar valorização das formas escritas. A forma que veio para o Brasil foi *[mi'ninu pi'kenu] e é dela que se deve partir para considerações. Para isso, o contraste com outras variantes distantes no espaço, ajudam muito na reconstrução dos fatos: as formas normais do CPI do Ceilão são *minino* ou *mino*, *piquin* (no CPAB *namina* “filha”, CEP *mina*). Em Damão se diz *piquen*. No PG existem as formas *piqueno*, *minino*, *cimitério*, *pipino* como no PB. O problema no confronto com as variantes africanas e asiáticas é que o testemunho raramente vem bem documentado: é difícil saber se o grafema O representa [o], [ɔ] ou [u]. É difícil saber se *lh* é de fato [ʎ] ou [lj]. Não há precisão quanto à realização do S, Z, Ç etc. Que dizer da prosódia? Precisamos, por isso, muitas vezes, trabalhar com grafemas e não com sons. É difícil provar que algumas variantes se derivam de outras. Não é impossível, contudo, descartar que as pronúncias africadas [tʃ] e [dʒ] tenham uma origem na África ocidental e vindo para o Brasil. Não seria estranho imaginar migrações das colônias asiáticas para o Brasil, quando foram perdidas para os holandeses, trazendo formas como *ocê* para cá. Por todo Brasil se encontram jacas e jambos, frutas indianas e em Congonhas do Campo (MG), parte da decoração do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos vem de Macau. Parte dos basiletos brasileiros podem ter origem em idioletos de africanos trazidos para o Brasil, bem como de pessoas com algum prestígio provenientes da Ásia, deixando vestígios assistemáticos (a transformação *v > ø* de *ocê* não ocorre com outras palavras no PB como ocorre no CPI). Só com mais pesquisa sobre migração e demografia é possível esclarecer fatos, por meio de explicações policausais. Por enquanto, cabe-nos apenas um levantamento e lançar a dúvida, a fim de entendermos melhor a unidade e variação do PB e seu lugar entre os falares portugueses.

2. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Como há muitos aspectos que poderiam ser abordados, uma vez que há grande variedade nas formas, preferimos apontar os fatores que são comuns ao PB e às variantes africanas e asiáticas, à busca de uma hipótese que explique melhor algumas mudanças. Obviamente há interferência do substrato, criando sons incomuns, como um [ŋ] silábico no CPGB, implosivas como [b̥] e [d̥] em CPAB, aspiradas como [k^h], [t^h] e murmuradas como [b^h] e [d^h] no CPI de Korlai, mas não é nosso objetivo determo-nos essas peculiaridades locais e remetemos à bibliografia especializada.

2.1. VOGAIS TÔNICAS

Como visto acima, há um fenômeno de alçamento nas tônicas presente no PE, no PAM, no CPCV e no CPGB, ou seja, no período quatrocentista. O CPGB é o que promove os alçamentos de maneira mais geral, associados a uma metafoia bastante atuante: [ˈkurpu] por *corpo*, [i] por *é*, [ˈtʃoma] por *chamar*, [ˈsibi] por *saber*, [ˈtisi] por *trazer*, [ˈpis] por *peixe*; CPAB [ˈsebe] por *saber*, CPA [beˈte] por *bater*, CPST [kiˈte] por *quintal*. Esse fenômeno parece diminuir no português quinhentista: tanto o PB como as variantes asiáticas não desenvolveram muito esse processo (porém, vestígios se encontram em *trizê*, *chomá* no CPI do Ceilão; *fezê* nos dialetos noroiteiros, *tizê* no CPM; [ˈkuza] no CPC; *trese* e *kurpa* no PP). Por outro lado, a monotongação de *ou* e *ei* parece ser geral, embora condicionada a alguns contextos no português quinhentista (antes de [r], [ʃ], [ʒ]), mas a monotongação de *eu* tornou-se mais rara. Monotongaões do tipo *oi* > *o* são interpretaões errôneas do processo: o CPCV tem [ˈdodu] por *doido*, [ˈnoti] por *noite*, mas trata-se obviamente de formas monotongadas de *ou*: *doudo*, *noute*. Esse *o* monotongado é a base do alçamento no CPGB, onde se diz [ˈkusa] por *cousa* (e [ˈkuza] no CPC). Um caso curioso é a pronúncia [xũŋ] por *ruim*, comum no PB, encontrada também em Cabo Verde [rũŋ] e no CPI de Damão. Alguns fatos esporádicos, porém, convêm ser listados como palavras antigas. Assim, no CPCV se diz [ˈmedu] por *medo* (idem no CPI do Ceilão) e interpreta-se isso como um abaixamento vocálico, quando o que há é pura conservação (CARVALHO 1969: 5-31). No norte de Portugal e Galícia também se fala assim, uma vez que está em conformidade com o latim *mētum*. Outras mudanças menos comuns como [ˈdosi] por *doce* não podem se ter desenvolvido independentemente no CPCV, CPST e no CPC. Em Cabo Verde se diz [keˈbesa] por *cabeça* e [triˈteza] por *tristeza*, resultados de uma metafoia. Formas como essas imigraram para a Ásia, de modo que em CPC se encontra [ˈkɔltʃa] por *colcha*. Propensões para metafônias desse tipo são conhecidas da história do português: *illa* > *ela* e no PB há vários casos: [ˈxɔba] por *rouba*, [ˈpɔza] por *pousa* (também no CPST), [aˈfrɔʃa] por *afrouxa*, [ĩˈtera] por *enteira* (3ª sg.). Dialetos lusitanos não foram transpostos integralmente para as áreas colonizadas, uma vez que vinham pessoas das mais variadas regiões, no entanto, sua expressão caracterizava o idioleto de uma ou outra autoridade ou pessoa influente, sobrevivendo nessas formas esporádicas. Quando sistemáticas, como é o caso do CPGB, é possível pensar na atuação do substrato (qual?) e rastrear algumas palavras exportadas. Uma simplificação muito comum é a fusão dos antigos *-om*, *-am* e *-ão* em algo distinto do *-ão* do português padrão moderno, mas em [oŋ], como no CPGB: *libertason* “libertação” ou [aŋ] como no CPM: *coraçang* e CPM *algudang*. O inverso também ocorre: no Ceilão se diz *lão*, *aminhão*, como em alguns lugares do PE (cf. PB *bão* por *bom*). A forma arcaica *antre* por *entre* aparece também no

CPI. A ditongação com [j] em oxítonas seguidas de /S/, comum no PB, também se encontra esporadicamente em outros lugares: no CPI do Ceilão [‘mejs] por *mês*; noroeste [‘trejs] por *três*. Neutralizações de oposições antes de nasais são muito comuns, de modo que /e:/:é:/:ê/ ou /o:/:ó:/:õ/ são preferências locais. O advérbio [‘kõmu] por *como* ocorre em certas porções indefinidas do PB, no PG, no CPI. Em PP, [tin] no lugar de *tem* ou [bin] no lugar de *vem* (como no CPGB) apresenta maior afinidade a formas do português quatrocentista da África Ocidental do que com outras variantes, cf. CPGB *ten* e *bin*. A forma [‘kumu] por *como* teve bastante ampla divulgação desde o PB (Taubaté/SP segundo ANTÔNIO 2000:77-91) até o *kuma* no CPGB e no CPM.

2.1. VOGAIS POSTÔNICAS

Quando as postônicas não caem totalmente, sobrevivem apenas [i], [u] e [a] de maneira universal: no PB, no CPGB, no CPST, no CPI, no CPM e no CPC. A forma [ə] inexistente no Brasil, mas ocorre nas outras ex-colônias, que tiveram mais prolongado contato com o PE. Segundo TEYSSIER (1980:81), trata-se de transformação recente no PE, datada do séc. XIX e não afetando todo território português. A questão da apócope das postônicas é conhecida no PE e no CPCV, como no CPI: Ceilão *agór* “agora”, *fór’de* “fora de”; no PG: *vei* “veio”, *meidia* “meio-dia”; PP *meimei* “no meio”. No entanto, em transcrições mais cuidadosas, é possível reconhecer que a apócope também ocorre na chamada “fala rápida” no PB: um informante de Taubaté (SP) diz [‘paʁt] por *parte*, [tẽp] por *tempo*, [a’gõʁ] por *agora*, [‘nad] por *nada*, [s’dad] por *cidade*, [‘rõs] por *roça*, [soʁ’tet] por *solteiro* (RODRIGUES & FERREIRA NETTO 2000:171-193). Em Barra Longa (MG), outro informante mostra semelhantes características: [‘tʃi] por *tio*, [‘vej] por *veio* (AMARAL 2000:195-208). Esse fenômeno parece afetar todo o Brasil. Síncopes e apócopies são muito mais frequentes no PB do que se imagina: [dbada’pia] por *debaixo da pia*, [nakadama’ria] por *na casa da Maria*, [masto’matʃi] por *massa de tomate*. No CPI de Damão se encontra: *pob, semp, dent, tig, ôt, eu num pó pagá, no mei de*. Muitas vezes há grande imprecisão na transcrição fonética das postônicas do PB. Recursos como [i], [j], [ʰ], [ʰ], [ɪ] são utilizados para mostrar a debilidade ou o “ensurdecimento” dessas vogais finais. Na verdade, entre um [i] bem pronunciado e a sua queda absoluta, há uma gradação, que depende necessariamente não da transcrição acurada do segmento vocálico postônico mas da descrição de outros elementos que afetam as tônicas e que nunca aparecem: o jogo entoacional entre tônicas e átonas, o volume com que a tônica é pronunciada em contraste com as átonas e/ou sua duração, todos fatores suprasegmentais e não distintivos, mas importantíssimos na caracterização das falas para o ouvido dos falantes. Volta-se a isso na seção sobre as consoantes. É verdade que no PB há também as postônicas [e] e [o] em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que são unanimemente entendidas como conservações, incomuns em outras áreas. Mesmo na Ásia (exceto CPC) há [i] e [u]. Testemunho disso são os empréstimos do português na língua malaia: *sepatu* < *sapato*, *paderi* < *padre*. O alçamento dessas vogais é bastante antigo, como se pode ver em dialetos galegos e no asturiano. As postônicas nasais não ocorrem nos falares não-europeus, exceto por relexicalização. Essa desnasalização já ocorrera em época muito antiga no próprio PE: *home* por *homem*, *onte* por *ontem*. Formas assim não são exclusivas do PB, pois são a base de todas as variantes africanas e asiáticas: Ceilão: *hómi, órdi, nuvè, virze*, Damão: *hom, ont,*

ord, *viaz*, *varj* (de **varje* e não de **várzea*), CPM *onti*. As postônicas raramente sofrem harmonia vocálica, com exceção do CPP [ˈpɔtɔ] “porta” e CPAB [ˈxobɔ] “cova”, [ˈvɔtɔ] “volta”, [bɔˈsolo] “vassoura”. Os ditongos crescentes se simplificam no PB do Nordeste e no Ceilão: *sacrifício*, *refujo*, *palaço*, *importança*; em PG: *colejo*, *relojo*. Nem sempre o iode havia se formado, de modo que deve se partir de *[ˈtʃeu] e não de *[ˈʃeju] para explicar as formas que equivalem a *cheio* no português não-europeu. No PB do Nordeste é comum ouvir-se [ˈʃeu], no CPGB [ˈtʃiu] “muito”, no CPI do Ceilão [ˈtʃeu], Damão [ˈtʃe], CPC [ˈtʃeu].

2.1. VOGAIS PRETÔNICAS

As vogais pretônicas reconstruídas são basicamente *[a], *[e], *[i], *[o], *[u] e suas nasais. No PB da região Nordeste, a abertura em [ɛ] e [ɔ] parecem ser inovações (embora haja no CPI do Ceilão *prêmeiro*, *misrêcórdia*, *mintêroso*, Goa: *desgôstar*), motivadas quer por assimilação, quer por situação subtônica, quer como manutenção de aberturas do radical. Casos especiais de conservação etimológica, como no PE [kɔˈraðu], por *corado*, revelam uma tendência para conservar a abertura resultante de crase *coloratum*, fato que existe fora de Portugal apenas muito esporadicamente, como PP *còrá* “vermelho”. O PE radicalizou o alçamento do *[o] de modo que ele praticamente inexistente na língua moderna, na situação pretônica. As cinco vogais básicas, quando não afetadas por um alçamento geral, como no CPGB, ou por síncopes, como se vê no PE, onde há [ˈkremuʃ] por *queremos*, [ˈkroɐ] por *coroa*, bem como no CPCV, onde se diz [ˈbnit] por *bonito*, [ˈftʃɐ] por *fechar*, [ˈkme] por *comer*; CPST [kloˈsõ] por *coração*, [ˈblatu] por *barato*. Do *[e] gera-se *[i] numa fase antiga, que se desenvolve no PE como [i], antes de [ʃ], [ʒ], [ʎ], [ɲ]: [siˈnoɾ] por *senhor*, [miˈɫɔɾ] por *melhor*. Esse *[i] é muito mais comum nas variantes de África e Ásia (sob a forma [i]), do que no PB, que também tem [e]: CPAB [ˈpiska] “pescar” (PP [pisˈka] por *pescado*). O PB sincopa [i] com muita frequência antes de fricativas dorsoalveolares: [ˈdze] por *dizer*, [kamˈzeta] por *camiseta* e o mesmo com postônicas: [ˈlaps] por *lápiz* (como no PG). O [a] pretônico em posição absoluta sofre aférese de maneira universal: em CPCV, CPI de Damão e dialetos norteiros e no PB, [ˈbɔbra] convive com *abóbora*. Outros exemplos de Barra Longa (MG): *güentô*, *cabô*, *rumô*, *dotiva*, *vançano* ao lado de próteses como *arresolveu*. O mesmo no CPGB: *mara* “amarrar”, *kaba* “acabar”, *panha* “apanhar”, *djuda* “ajudar”, *bafa* “abafar, matar”, no CPP *bi* “abrir” e no CPI do Ceilão: *bafá*, *judá*, *maldiçoa*, *luguéra* “aluguer”, *alembirá*; em Damão: *cabá*, *cordá*, *rancá*, *ranhá*, *rependê*; norteiro: *marelo*; CPC *divinhá*; PP *yuda* “ajudar”. O mesmo ocorre com [ẽ]: tanto no PB como no CPI do Ceilão: *lamiá* “enlamear”, *tristicido* “entristecido”. Quando não inicial, [a] pretônico passa a [ɐ] no PE, que, muitas vezes, tende a [æ], [ɛ] ou [e], como se vê no CPCV: [feˈdiga] por *fadiga*, [mẽˈtega] por *manteiga*. Formas parecidas se ouvem no CPI do Ceilão: [sepɐˈra] por *separar*, também para postônicas: [serˈteze] por *certeza*; no norteiro também nas tônicas: [diaˈmentu] por *diamante*; CPAB [ˈmen] por *mãe*. É também muito comum o alçamento do [e] inicial, desde a passagem do latim vulgar: *aequalem* > *igual*, sobretudo no PE moderno [ilɐˈfɛt] por *elefante*, fenômeno que aparece esporadicamente numa ou noutra palavra nas variantes não-européias. Mais comum é a nasalização do tipo [ĩˈzɛpru] por *exemplo* no PB ou *invaporar* nos dialetos interamnenses

do PE. Alçamentos motivados por assimilação são comuníssimos desde o período medieval e devem ser entendidos como forma-base de todos os falares: é freqüente encontrarem-se formas medievais como *durmir*, *minino*, *pidir*, *recibido*, *custura*, *cubrir* entre tantas. As mesmas variantes, apesar de não terem entrado na grafia oficial, gozam de muito maior divulgação do que [e] e [o], que, na fala, são sentidas como artificiais. O CPAB é o que mais promove assimilações, devido ao substrato: [fi'mīga] por *formiga*, [poxo'do] por *pescador*, [ma'la] por *molhar*, [vogon'dolo] por *governador*, PP *priminti* por *prometer*. No CPGM há [min'dzer] por *mulher*. Algumas dissimilações aparecem em mais de um ponto, como [bru'medʒ] por *vermelho*, no CPCV e [bru'medʒu] no CPGB (cf. [bri'medʒu] no CPI do Ceilão); [su'gundu] por *segundo* no CPGB; [ʒi'nela] por *janela*, no dialeto caipira e no CPST *zinela*, CPI de Damão *jinél*. A forma *sumana* por *semana* provém do PE e é registrada no dialeto caipira do PB e no CPI do Ceilão e de Cochim. Também *pessuir* por *possuir* se encontra nos dialetos interamnenses do PE e no PB. Em vez de [ẽ], é a [ẽ̃] que se deve recorrer nas reconstruções de muitas palavras: assim, no CPI do Ceilão: [san'ta] por *sentar* (também CPM), [an'tra] por *entrar* e em toda parte **anton(ces)* deve ser a base e não *então* (cf. CPI do Ceilão *ántos*, Damão: *antão*; PP *anto*).

2.1. CONSOANTES

A distinção do par /v/:/b/ nunca foi muito produtiva no português e inexistente no Norte de Portugal e em extensas áreas do mundo lusófono. Esporadicamente se encontram no PB formas como *barrê*, *bassoura*, quando a norma culta preconiza *varrer*, *vassoura*, mas /v/ praticamente passou para /b/ em grande parte do CPCV e em todo CPGB: [ˈnɒbu] por *novo*, bem como no CPI do Ceilão [ba'sɔra], por *vassoura*, no nordeste *percebejo*, CPM *pobo*. No CPI, é comum *v* > [w] > ø como [o'se], [u'se] e [ˈse] por *você*, presente tanto no PB como no CPI de Damão, Korlai e do Negapatão. Combinada com [pra], surge [pro'se], [pru'se], [pu'se], [ˈpse], também encontrada na Índia (Damão, dialetos nordestes). A aférese do [v], incomum no PB, aparece com freqüência em Diu: [ɔs] por *vós*, bem como, inversamente, sua prótese, por hipercorreção em palavras como: [vɔr] por *hora*. Realizações [β] ou [w] confundem-se com [ɣ] no andaluz: [ˈɣweno] por *bueno*; [ˈɣwele] por *huele*. Da mesma forma, a transformação *v* > *[w] > g é muito esporádica no PB, talvez apenas *gumitá* por *vomitá* (como no CPCV), mas no Negapatão e Ceilão [ˈogu] por *ovu*, [ˈnogu] por *novo*. Também CPC *aguá* por *avóar*. A distinção surda/ sonora é mantida nas oclusivas em todo mundo lusófono (talvez menos no PC moderno), mas há alguma tendência de ensurdecimento das fricativas, sobretudo no CPCV [ˈoʃi] por *hoje* e no CPGB: [ˈkasa] por *casa*, [ˈɔʃi] por *hoje*, [fi'ʃð] por *feijão*, tendência presente no castelhano, galego e dialetos do Norte de Portugal. Também é comum simplificações de pares como /s/:/ʃ/ ou /z/:/ʒ/. No CPGB todos esses fonemas tendem a [s]: [fi'soŋ], por *feijão*. A solução mais comum é [ʃ] > [s] e [ʒ] > [z]: Ceilão [ˈbasu] por *baixo*, [or'lɔzu] por **horolégio*, isto é, *relógio*; CPAB [zu'ga] por *jogar* e [ˈsã] por *chão*, [su'la] por *chorar*; CPP [zi'gantʃi] por *gigante*; CPA [ˈsuba] por *chuva*, [ka'so] por *cachorro* (ambos provenientes de *[ʃ] e não de *[tʃ]); CPM [fu'zi] por *fugir*; CPC [ˈpese] por *peixe*, [lin'gwazi] por *linguagem*. O som [s] em vez de [ʃ], em posição de final de sílaba, como dito, é a forma-base, sendo a palatal uma inovação do PE, provavelmente trazida para o PB bem como para o CPCV e para as ex-colônias em

África e Ásia. Síncopes assistemáticas desse como na forma [‘memu] por *mesmo* ocorrem em PB, CPI de Damão, CEP. Nessa mesma palavra ocorre no PB [s] > *[r], fenômeno também atestado em PE, bem como raramente em outras variedades: [kwa’reɾma] em Barra Longa/ MG (AMARAL 2000:195-208). Em final de palavra, porém, a elisão desse som é extremamente comum nos dialetos meridionais do castelhano e se encontra também no dialeto barranquenho do PE, onde se diz *az uba* por *as uvas* ou *nó* por *nós* (VASCONCELLOS 1901). Parte da ausência de concordância no PB bem como no CPI e CPC se deve a questões morfológicas, como se verá, mas não se deve descartar a tendência à apócope desse som. No PB é comum pessoas referirem-se ao seu próprio nome como [‘maɾku], grafado *Marcos*, ou [fa’ria], sendo *Farias*. Em Taubaté/SP: [a’roj] por *arroz*, [faj] por *faz*, [‘nɔj] por *nós*, [dis’poj] por *despois*. No PG igualmente (mas talvez por razões semânticas) *oclo* por *óculos* e *calça* por *calças*. Em Damão: *doi, dupoi, mai, vam* (por *vamos*, cf. PB); norteiro: *dipoi*. O som [tʃ], grafado *ch*, no português antigo, distinguia-se de [ʃ], grafado *x*. Uma inovação do PE meridional quinhentista, fundiu os dois sons a favor de [ʃ], mas a distinção tenha sobrevivido em vários dialetos em Portugal: no interamnense, no transmontano e no baixo beirão, bem como foi bastante comum no dialeto caipira do PB (AMARAL 1955:58), tendo sido transplantado para o Mato Grosso, onde tem maior vitalidade ainda hoje: [tʃe’go] por *chegou*, [me’tʃe] por *mexer*, [a’tʃa] por *achar* (ALMEIDA 2000:113-134). Além disso é comuníssimo no CPCV, no CPGB: [‘tʃuba] por *chuva*, no CPI: Ceilão [‘tʃavi] por *chave*, Damão [ba’tʃa] por *abaixar*, CPM [‘tʃua] por *chuva*, e era-o no CPC. Nessas regiões, também [ʒ] > [dʒ]: PB do Mato Grosso: [‘dʒejtu] por *jeito*, [dʒa] por *já*; CPGB [‘dʒuda] por *ajudar* etc. Já a transformação [ti] > [tʃi] e [dʒ] > [dʒi] amplamente difundidas no PB, encontra paralelos no CPST [‘detʃi] por *dente*, [tʃi’la] por *tirar*; CPP [‘potʃi] por *ponte*, [‘tʃita] por *tinta*; CPA [dwëtʃi] por *doente*; no CPAB: [tu’dʒia] por *todos os dias*; PP [‘notʃi] por *noute*. Pode não haver relação entre as duas formas, uma vez que transformações semelhantes ocorrem em diversas línguas eslavas e no dialeto sobresselvano da Suíça, mas descartar completamente a influência do falar dos escravos da África Ocidental para o Brasil não esclarece também em nada a semelhança dessa inovação em ambos os lados do Atlântico. Como se trata de variante de prestígio no PB, dificilmente se associa essa inovação a uma influência africana. O fonema /ʎ/, grafado *lh*, é bastante instável e nunca foi implantado universalmente no português, como não o foi em castelhano, neutralizando-se com /j/, sobretudo no PE meridional. Encontra-se ainda em toda área do PB, bem como no riodonorês [u’reja] por *orelha*, ou no quadramilês [a’βeja] por *abelha*, no CPCV [ku’je] por *colher*, no CPI do Ceilão [mergu’ja] por *mergulhar*. Em muitos momentos, é a partir desse [j] e não de [ʎ] que nasce uma fricativização *[j] > *[j̥] > [dʒ] no CPCV, no CPGB: [‘fidʒu] por *filho*, e no CPI do Ceilão [odʒu] por *olho*, como no judeu-espanhol (GIFFORD & HODCROFT 1966: 115). Casos como [de’zeʎu] por *desejo*, no Ceilão, são obviamente hipercorreções. No PG e no CPI aparecem formas curiosas que prevêem uma mudança do tipo /N(d)ʒ/:/Nj/ > /j/ *estranheiro* (também em PP), *enhenheiro*, *arranhar* “arranjar”. Incluem-se aqui algumas palavras que neutralizaram /l/: /ʎ/, como visto acima, no PAM e que chegam até a Índia, cf. Ceilão *cabelho*, *cavalheria* e [‘gridʒu], que remonta a **grilho*, por *grilo*; nos dialetos norteiros e no Negapatão há *cavelho* e

cavalho. Uma solução em que *lh > l* é encontrado no no asturiano ocidental e no PB do Nordeste: [mu'le] por *mulher*, bem como no CPI de Korlai *muler*, no CPM: *muler*, *olo* por *olho*, *tuala* por *toalha* e no CPC *olo*. A palatal nasal *nh* [ɲ] muitas vezes não se formou epenteticamente, ou se desfez por síncope no PB: [vĩu] por *vinho*, [nĩ'ũa] por *nenhuma*, [sĩ'ot] por *senhor*, [fa'ɾiã] por *farinha*; no CPST também a terminação *-inho* se diz *-im*, como se ouve em vários lugares do PB, cf: Barra Longa (MG): *fucim*, *instantim*. A confusão entre [ɾ]/ [r] encontrada em largas porções do território de Santa Catarina, também é encontrada em outros lugares como no CPGB [ˈgɛra] por *guerra*, no PG [ˈbajru] por *bairro*; Damão [ˈrar] por *raro*; CPC [ˈtɛra] por *terra*. A indistinção do par /ɾ/: /l/ sobretudo em final de sílaba é muito comum no PE, bem como no PB (onde soa [ɾ] na região do dialeto caipira) e no CPCV: [ar'mosu] por *almoço*, [ˈbɔɾta] por *volta*. Na mesma posição, a indistinção /l/:/w/ se encontra por todo PB e no CPI de Damão: *augum*. Em final de palavra, *-l* ou *-r* podem sofrer apócope, fato freqüente no PB bem como nos dialetos estremenhos e andaluzes do castelhano ou na fala barranquenha do PE: *Portugá* por *Portugal*, *ané* por *anel*, *funi* por *funil*, o mesmo ocorrendo no CPC *cobertô*, *amô*; CPM *ke* por *quer* (cf. PB [ˈkɛ]), PP *cuá* por *qual*, *pió* por *pior*, *ke* por *quer*. Em situação não-final também não é incomum no oeste africano: [ˈpetu] por *perto*, no CPAB. No Ceilão se diz [ˈusu] por *urso*, mas castelhano *oso*, revelando que se trata de forma antiga. Apócope antiga é sem dúvida do *-r* do infinitivo, encontrada até mesmo no romeno e forma-base para todas as variantes não-européias, a despeito da grafia que raramente a ignora. A indistinção /d/:/ɾ/ parece dever-se ao substrato e é comum no CPCV e no CPGB. Gil Vicente percebeu que essa característica era boa para representar a fala dos africanos na sua peça *Tragicomédia da Frágua* (1525), em que há um negro da Guiné que diz *turo*, *maruro*, *riabo*, *vontare* etc. No CEP também se diz *coriyo* por *codillo*, *utere* por *ustedes*; no CPM [ˈturu] por *tudo* e no PP *tur* por *tudo*, *por* por *pode*. Transformação de encontros consonantais como *pl > pr* datam desde os empréstimos latinos no período medieval e são encontrados em toda a parte, do Brasil à China, incluindo o PE. Epênteses aparecem sobretudo nos crioulos africanos: CPGB [su'kuru] por *escuro*; CPAB [kabe'la] por *quebrar*; CPST [ʃipi'tali] por *hospital*. As epênteses caracterizam também o falar dos africanos nas peças de Gil Vicente e Antônio Chiado: *puruguntá*, *Furunando*, *maruvada*, *puruquê*. Simplificação desses *clusters* consonantais como [tr] > [t] são encontrados em toda a parte: [ˈotu] por *outro* aparece nas transcrições de Barra Longa (MG); idem em Nossa Senhora do Livramento (MT): [ˈnotu], [pru'otu]; em Taubaté (SP): *ota*, bem como no Nordeste. No CPAB [taba'ja] por *trabalhar*, [ˈtʰipa] por *tripa*; no CPA [ˈtaba] por *trabalhar*; no CPC [enkon'ta] por *encontrar*. Também [gr] > [g] aparece não só no PB [ˈnegu] e [ˈnega], mas no CPCV. Outros exemplos são CPAB [ˈpatu] por *prato*, [petu] por *preto*; CPA [ku'bi] por *cobrir*; CPP [ˈbãku] por *branco*, [ˈfaku] por *fraco*, [ˈgani] por *grande*, [ke'ba] por *quebrar*, lembrando a fala infantil. No Ceilão, o verbo [empus'ta] por *emprestar* lembra CPGB [ˈpista]. Ao lado de *para* e *para o*, a língua escrita reconhece formas coloquiais *pra* e *pro*, mas outras, ainda mais espontâneas, [pa], [pu], se encontram em todo o PB, bem como no PE, no asturiano, no andaluz e em diversas regiões da África e da Ásia (cf. Damão *falá pu velh*), o que revela uma simplificação do *cluster* [pr] > [p]. Embora ocorram no PB somente com essas palavras que têm comportamento clítico, tal fenômeno pode aparecer como geral em muitos dialetos e sempre se atribui isso ao substrato, ainda que a língua desse substrato

disponha desses encontros. A pronúncia [‘otu] ou [‘ot] no PB é associada à “fala rápida”, situação em que surgem as formas mais basiletais, no entanto vê-se aí mais um problema de transcrição do que propriamente da existência ou não da forma. Conforme dissemos acima, descrever alguns elementos suprasegmentais que afetam a tônica (e as pretônicas quando as houver) é mais importante do que saber qual vogal exatamente ocupa a posição postônica. Transcrições imprecisas como [‘ot^u], [‘ot^w], [‘ot^ω], [otû], [‘otu], [‘otɪ] revelam não haver segurança quanto ao som (ou aos sons) que segue(m) a oclusiva. Com certeza pode garantir-se que não é um [u] bem nítido (como ocorre no CPI), nem uma ausência vocálica, bem como se pode afirmar que não é um [i], um [a] ou um [ə]. Essa pouca nitidez da postônica afeta também a percepção das consoantes do encontro consonantal. Um outro caso é o da palavra *dentro*, que também se realiza como [‘dẽtu] ou [dẽn] no PB, no PP e no CPCV; no CPAB é [dantu]. Fato semelhante ocorre com a palavra *porque*, que aparece no PB como [pke], embora raramente transcrita assim. Um último caso bastante negligenciado nas transcrições fonéticas é [ẽt] por *a gente*, presente no PB (RODRIGUES & FERREIRA NETTO 2000), bem como no CPCV (TARALLO & ALKMIN 1989). Juntamente com o PB [oi’dia] por *hoje em dia*, a forma “aferética” de *gente* pode apontar, para além de uma pronúncia descuidada ou apressada, a formação de um [j] paralelo ao [ʒ] da língua padrão, como há diversos exemplos na România: friulano [int] “gente” e castelhano [oj] “hoje”, francês *[yj] > [ʝi] *idem* em (*aujourd’hui*) (cf. CPI do Ceilão *oi*, CPM *ozindia*). Formas com metáteses são muito comuns como ponto de partida deveriam ser usadas para entender variantes faladas. Assim, PB [psi’za] pode partir de *precisar*, mas não o CPGB *pircis*, PG *perciso*, CPI de Damão *pirciz*, que necessitam de **percisar*. Também mais geral é a forma *preguntar*, donde sai a bastante divulgada *pruntá*, como no CPI do Ceilão (atualmente [pun’ta:]), no CPM e no PP. Muito comum também é **drumi* por *dormir* tanto no PB, PP e CPM. Em PB, CPM e CPC ocorre também a forma *drento*. Curiosas são as formas [‘plokɪ] por *porco*, [plo’ke] por *porque*, [fla’kõ] por *falcão* em CPST.

2. ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Exceto no PB, as variantes não-europeias eliminaram quase completamente o artigo definido. Quando o usam, como no PP, se valem de uma forma invariável. Os pronomes pessoais são, no CPGB: *n’, bu, i, no, bo, e*, proclíticos e obrigatórios, que podem ser enfatizados com os tônicos *ami, abo, el, anos, abos, elis* à semelhança dos dialetos italianos setentrionais. Gil Vicente observara o uso dessas formas e põe-nas na boca de um africano: *A mi leva boso roupa Alfama* “eu levo vossa roupa à Alfama”. A razão disso é que os pronomes pessoais tendem a generalizar a forma prepositiva (*mi, bo, el, nos, bos, elis*), como no PB: *eu ensinei eles*, CPGB *i torna na nsina elis* “ele voltou a ensinar-lhes”. No CPCV e no CPGB há ainda incomuns formas oblíquas enclíticas: *-n, -u, -l, -nu, bos, elis*. Tanto o PB (sobretudo no Nordeste) quanto o PG usam *lhe* no lugar de *o*, tendência que deve provir de dialetos do PE: *para lhe fazer calar*. Há aversão geral, nas variantes do português não-europeu, pelo pronome *tu*, substituído universalmente por *vós* (ou **vos*) no português quatrocentista e esta é a forma presente no CPCV, CPST, PP, CEP *bo*, CPGB *bu*, CPI *ós* e CPM *bos*. O mesmo ocorre no castelhano platino, com o fenômeno chamado *boseo*. As formas quinhentistas prevêm também *você*, que vive no PE [võ’sẽ], no CPI *ocê* ou *cê*, como no PB. No CPAB sobrevivem formas que lembram o antigo *vossa mercê*: [diname’sẽj] “de vocês”. O PP usa a forma portuguesa pós-quinhentista *señor: cón señor a*

pasa anochi? “como o senhor passou a noite?”, que aparece no CPCV como *nhô/nhá: si nhô cré* “se o senhor quiser”; no CPC *sium*; CPST *sun* e no CPI do Ceilão [o’si:r]. O plural pronominal com *outros*, como castelhano *nosotros, vosotros*, também aparece no CPCV *besote* ou no CPI; norteiro: *usot* “vós outros”; Ceilão *botus*, CPM *bolutu*, CEP *suto*. Também a terceira pessoa deve-se imaginar um **ele outros*, donde nasce o CPI do Ceilão *étus*, Damão e norteiro: *ilôt*, CPM *elôtro, olutu*. De **nós tudo, *vós tudo, *eles tudo* geram-se em CPM *nusturu, elituru*, Também em CPAB *no tudu*, PB *nóis tudo*, CPC *nós tudo*. Um outro exemplo se dá com *eles* pronunciado [ejs] no PB, semelhante ao *es* do CPCV (AMARAL 2000; cf. tb. [ej] [ea], [eas] no português de Minas Gerais: CORRÊA 2001). Os pronomes possessivos inexistem em vários crioulos, mas não no CPGB, onde são, invariavelmente: *nha, bu, si, no, bo, se*. A forma *nha* é encontrada também no PB, CPI e CPM. Uma construção genitiva curiosa aparece em PP, palanqueiro, CPCV, CPI, CPM e CPC, por exemplo: PP *señor su pecho* “seu peito”; CPCV *Paulo si bida* “a vida de Paulo”, CPI do Ceilão *eu sua vida* “minha vida”; *Pedro sua filho* “o filho de Pedro”; Cochim: *manchu su luguer* “aluguel do barco”; CPC *eu sa mãe* “minha mãe”; Singapura *eu sua corpo* “meu corpo”; Jacarta e Tugu *nós sua bida* “nossa vida”. A construção não tem, com certeza, uma única explicação, dada sua extensão. Normalmente o substrato malaio ou chinês é utilizado para explicar esses últimos casos, mas a construção também ocorre no holandês coloquial e passou para o africânder (*Fanie se beroep* “trabalho de Fanie”) e ocorre com frequência nas línguas germânicas (inclusive nos dialetos da Suíça e Áustria). No CPI pode reduzir-se a *s*, assemelhando-se ao genitivo do inglês: Negapatão *ocê’s presência* “sua presença”; Mangalor *riu’s banco* “banco do rio”; norteiro: *ocê’s casa* “sua casa”. Uso do possessivo em locuções prepositivas sempre mostra tendências variadas: PE *em seu torno* vs. PB *em torno dele*. No CPI o uso do possessivo é generalizado: *sua trás* “atrás dele”, *sua perto* “perto dele”. Os pronomes demonstrativos são sempre apenas dois. CPGB *e (es), ki (kil)*; no CPI do Negapatão *isti, aquili*; no CPM *isti, aké*. Combinações presentes no PB do tipo *aquele um* são possíveis no CPCV *kel un*, no CPM e no CPC [es’tuɲa] por *esta uma*, [a’kuɲa] por *aquele uma*, assim como no PP *esun*. O pronome relativo é, no CPGB, [ke], [ki], [ku], sensíveis muitas vezes à harmonia vocálica. Nos interrogativos, a repetição (PB: *que que você quer?*) também se encontra nas outras variantes, como no CPGB *ke ki* “que que”, *kuma ki* “como que”, *kin ki* “quem que”, *nde ki* “onde que”, PP *kiko* “que que”, *pakiko* “por que” e parece fenômeno antigo (cf. francês *qu’est-ce que*). A palavra *coisa* no interrogativo *quê?* (cf. italiano *cosa?*) também se encontra nas variedades: CPI norteiro *qui coiz*; relativo CPA [kwa’ma] “o que”, que provém de **[kuza (ku)ma]*: *n ga zi kwa ma m metê* “vou fazer o que precisar”. No PG e nos dialetos norteiros é comum o uso de *cujo* interrogativo (por *de quem?*), como se fazia no português arcaico. Curioso é o uso do interrogativo *quêde?* (ou *quadê?*) tanto no PB quanto no CPI do Ceilão. Dentre os pronomes indefinidos encontra-se no CPGB *kadakin* “todos, cada um”, equivalente ao arcaico *cada quem*. O CPC [kada’se] remonta a *cada seu*, ainda vivo no galego (*eu >e* em dialetos do PE). A forma *tudo*, não raro, é flexionada, quer no PB: *tuda vida*, quer no CPI do Ceilão: *nós tudos*. O verbo normalmente tem poucas formas nas variantes não-européias. Assim, no CPGB a forma básica parece ser a 3ª sg: *bai* “ir”, *ten* “ter”, *pui* “pôr”, concorrendo com as formas infinitivas e de participios: CPI de Damão *ningum pod vai* “ninguém pode ir”; norteiro: *eu tá vai* “eu vou”, CPM *nus podi bai* “podemos ir” e mesmo no PB de Helvécia: *eu pode vai lá* (BAXTER & LUCCHESI 1993:61). Participios em *-edo* são encontrados no CPGB *sedu* “ser”, também em CPCV

bebedo e no antigo CPI do Ceilão: *fazedo, sabedo, recebido*. Há mudanças de conjugação, alguns talvez com base antiga: no Ceilão *sofri*, por *sofrer*, *enchi* por *encher*, *pidê* por **pidir*, CPM *comi* por *comer*. Um caso curioso do PB é a forma metafônica [‘vevi] por *vive*, também comum no Alentejo, provavelmente forma antiga de um verbo **vevir*, que se assemelha muito à forma do castelhano. Outro exemplo: [i’zesti] por *existe* no PB e no PE (Beira). Mudanças para a primeira conjugação, mais recentes, encontram-se esporadicamente: [mũ’dá] “morder” no CPAB, *escolhá, batá, resolvá* no CPI do Ceilão. Formas do gerúndio em *-ano, -eno, -ino* são previstas no PB e no CPI de Damão: [fa’lan] “falando”, [sin’tin] “sentindo”. Dos verbos auxiliares, é bastante comum o verbo “virar”, que marca transformações: CPGB *e dita tok e bida kansa* “dormiram até ficarem cansados”, CPM *eu birá ficá casado* “hei de casar”, CPST *kwa ku sa kalo ka bila blato* “as coisas caras ficam baratas”. O CPGB é o único que dispõe de sufixações produtivas tanto no nome como no verbo, assim, usa-se *-si* para o incoativo: *frakisi* “enfraquecer”, *notisi* “anoitecer”, *pretusi* “ficar negro”, *intchisi* “começar a encher”, bem como *-nta, -nda, -nti, -ndi* para o causativo: *firbinti* “aferventar”, *tchiganta* “aproximar”. A forma *-iá* substitui *-ejar* em vários lugares: CPGB *guerria* “guerrear”, CPI do Ceilão *pedriá* “apedrejar”, CPM *praguá* “praguejar”, *pestiá* “cheirar mal” (PB caipira *impestiá*). As preposições associadas a verbos de movimento não são usadas em vários crioulos. Desaparece a preposição *a*, sendo substituída algumas vezes por *pra* (ou *par*, ou *pa* ou ainda *pu*), tanto no uso dativo (nordeste *dá par mi* “dê-me”) quanto em verbos de movimento, outras vezes por *em*, normalmente sob a forma *ne*, como no CPI do Ceilão (cf. PB *ni mim*; CPST *ni matu* “no mató”), *nu* em Mangalor, Damão, ou *na* no CPCV, no CPGB, no CPI de Cochim e Damão, no CPM, no CPC e no PP (sem falar de crioulos não-portugueses, como no sranan, haitiano, jamaicano, crioulo de Santa Lúcia e Trinidad etc.). No PG, por exemplo, diz-se *chegou em casa, vou para a igreja*, como no PB. As preposições *por* e *para* encontram-se fundidas numa única forma em vários crioulos. A preposição *de* aparece como *di* (CEP: *ri*). Já *com* perde amiúde a nasalidade e se transforma em [ku], tanto no PB [‘kwelis] por *com eles*, como no CPA, CPI e PP. A forma *inté* por *até* não é exclusiva do PB, mas ocorre no mirandês e no CPST.

O advérbio de intensidade tende a variar na forma. No CPGB usa-se *dimas*, equivalente ao [de’mas] utilizado no Mato Grosso, substituição muito comum entre os crioulos. O advérbio de negação proclítico é *num*, no PB, no CPI do Ceilão e Damão e no CPM; *nang* em CPC. Às vezes, *não* é substituído por *nunca* como no CPI do Ceilão (atualmente abreviado como *nuku*), *ngka* no CPM ou *ka* no CPGB: *mi ka na bai* “eu não vou”. A conjunção aditiva *e*, que se pronuncia [i] também no PE (cf. castelhano *y*), é geralmente substituída por formas mais encorpadas. No PB, sobretudo no Nordeste, usa-se, em seu lugar, o advérbio *mais*. Noutros lugares, quem toma sua posição é a preposição *com*: CPGB *ku*, CPI do Ceilão *kun*. A conjunção adversativa antiga *mais* (por *mas*) se encontra no PB e no CPI nordeste. Algumas conjunções temporais notáveis são no CPGB *tok* “até que”, *otcha ke* “quando”; no Ceilão *ansque* “antes que”. Às vezes, a conjunção integrante é *como*, usada, à maneira do português medieval, após verbos como *dizer*. Sob a forma *kuma* no CPGB, provavelmente originou a partícula *ma*, com a mesma função no CPCV *es fla’l ma es kre sin* “eles dizem que querem sim”, CPGB *sibi kuma n ka muri* “sabe que eu não morri”.

3. ASPECTOS SINTÁTICOS

Não há concordância de gênero ou de número na maior parte das variedades não-européias (CPCV *kusas maravilhosu*). No PB há significativa redução da concordância de número: *as casa branca*, mas a concordância de gênero é mantida, com exceção de falares do Xingu ou do Mato Grosso. Muitas vezes, o número é feito pela acréscimo de *tudo*: CPI do Damão *aquel jardinh tud*, CPC *katchoro tudo* “cachorros”, fenômeno não totalmente desconhecido do PB (Xingu: *mulhé colheu roça tudo* LUCCHESI & MACEDO 1997: 23). O plural também é feito por repetição da palavra: CPGB *bof-bof* “bofes, pulmões”. O mesmo ocorre com o CPI de Damão, o CPM e o CPC. Os verbos sofrem simplificação, motivada pela não-concordância em gênero e número. Em compensação, abundam estruturas sintáticas com partículas de origem verbal ou adverbial. A semelhança entre essas partículas nos mais diferentes crioulos sempre chamou a atenção dos pesquisadores. A partícula [ta] provinda do verbo *tá* (no PB, no PE e no castelhano, como variante coloquial de *está*) é presente em todas as variantes: CPGB *Joana ta bai fera tudu dia* “Joana vai à feira todos os dias”, no CPCV, no PP, no CPI de Damão, no CPM e CPC (sem falar dos crioulos de base espanhola nas Filipinas e no saramaccan), se transforma em *té* no Ceilão e em *to* em Mangalor. Outras partículas proclíticas são: [na]: CPGB *Maria na badja* “Maria dança”; [lo], supostamente vinda de *logo*, no CPCV, CPI, CPM, CPC e PP marca futuro e [dʒa], provinda do advérbio *já*, marca passado em CPCV, CPI, CPM e CPC. O CPGB dispõe de partículas enclíticas (assim como também possui pronomes enclíticos). Um exemplo é [ba]: *otranu Djon kiri-ba Binta* “o ano passado, João amava Binta”. Essa partícula, provavelmente vinda da terminação do pretérito imperfeito, adquiriu grande mobilidade: *rei sta-ba dja tudu chatiadu* “o rei já estava muito chateado”; *ami n'kume-l-ba dja otcha bu tchiga* “eu já o tinha comido quando você chegou”; *otranu Teresa i duensi-ba* “o ano passado, Teresa estava doente”, *utru kazu, akordadu-ba dja na runion* “outro caso, já aprovado na reunião”. Algumas regências do PB são encontradas em outros lugares: CPGB *dibi di* “deve”, *sai fora di* “sair de”, bem como *ten ke* “ter de”.

4. ASPECTOS LEXICOLÓGICOS E SEMÂNTICOS

É importante observar o material de onde provém o vocabulário das variantes. Assim, *ontem* em CPGB se diz [a'onti], mas não houve prótese do *a-*, uma vez que essa forma se vincula etimologicamente a um arcaísmo *aontem*. O mesmo se pode dizer de *limária* por “animais”, encontrado no CPGB (e CPAB [‘lmãe]), que remonta ao latim *animalia* ou de *bianda* para “comida”. Formas dialetais do PE geram grande porção do vocabulário: no Norte de Portugal se diz *a iágua*, com um *i-* protético que evita a proximidade dos dois *aa*, donde CPGB *iágu* (cf. *águ* no CPCV, CPI do Ceilão, CPM e CPC, apocopado em *ag* em Damão). O mesmo se pode dizer de formas ditongadas como *escuitar*, *luita*, *chuiwa* que esporadicamente se encontram aqui ou ali. Equivalem à vocalização do *l* no latim *ascultare*, do *c* em *luctam* ou à metátese do *i* em *pluviam*. Inversamente, *munto* ou *mutu* (PE, PB, CPCI, CPCM) por *muíto* não se trata de uma monotongação recente, mas uma antiga vocalização do *l* em *u* (como em *escutar*), como também há a vocalização do *c* em *u* (como em *luta*). Fenômenos como esses mostram uma variação sociolingüística já no português arcaico e uma diversidade de fontes em que ora se sobressai uma forma, ora outra. O exemplo mais flagrante disso são as variações com ditongo *ou/oi* (*louro/ loiro*, *touro/ toiro* etc.). Também, para derivar o CPGB *lei* “ler” não se deve partir de *ler*, mas do antigo *leer*, como o CPI do Ceilão *fei* “fê” e *pei* “pê” provêm de *fee* e *pee*. Inversamente encontra-se nesse mesmo falar *lé* por *lei*, talvez por hipercorreção. No CPM se diz *peu* “pê”, talvez pela

variação *eu/ei* que há no PE dialetal (mas cf. catalão *peu*). A forma *bautismo*, comum no Oriente, é português antigo. Antiga, por causa da assistemática simplificação *mb > m*, é a forma *tamém* ou *tomém*, que aparece no PB, no PG e no CPM. Uma nasalidade antiga do latim *lunam* reaparece quer no PE [ˈlumɐ], no PB [ˈlũa], no CPAB [oˈnũja], no CPM [ˈluɲa] e em formas derivadas: no CPI do Ceilão [luˈmara] e do Negapatão [luˈmaru] por **lũar*. Sobrevivências de *em riba de* no CPI e CPM têm sempre sentido de “sobre”, nunca de “ao lado de”, como no português arcaico. No PG se diz *adem* por *pato* (idem CPM, CPC *adi*), forma bastante arcaica, do latim *anatem*. A base do verbo do CPGB *tudji* “proibir” é *tolher* (ou **tolhir*), assim como de *padi* “nascer” é *parir*: é interessante observar a diferença dos universos de discurso em que palavras como essas são empregadas. O uso de *tem* existencial do PB provém do PE, uma vez que é a forma mais difundida nas variantes não-européias: CPGB *i ten* “há”; CPI nordestino: *ali tem* “há” (com um advérbio de lugar esvaziado como no português antigo *i há*, castelhano antigo *ha-i > hay*, francês *il y a*), também no CPM *ten*, PP *tin*. A expressão *de primeiro* no PB significando “antigamente” aparece com o mesmo sentido no CPGB *prumeru* e no CPM *Malaca primeiro alegre* “antigamente Malaca era alegre”, PP *promer cu* “antes que”. Também *pinchá*, comum no dialeto caipira do PB, encontra-se com facilidade no PE barranquenho, no CPI do Ceilão, Mangalore, no Nordeste, no CPM e no CPC. No CPI e no CPM se diz de *estamo*, por *estômago*; *cúspi* por *cuspo*. Tanto no mirandês, como em CPC, CPM, CPI do Ceilão e nordestino se diz *mai* e não *mãe* (cf. galego *nai*). A analogia afeta igualmente o PB e o PG nas formas *eu truxe* e *eu sube*. No CPI nordestino encontra-se *dixi* por *disse*, bem como *vim* por *vir* (como no PB). Não é de *começar* que vem a maior parte dos verbos equivalentes nas variantes não-européias, mas de uma forma sincopada **[kumˈsa]*, como se vê em CPCV [kũmˈsɐ], CPGB *kunsa*, CPI do Ceilão *cumsá*. No Ceilão se diz *susdê* “suceder”, cuja antiguidade da síncope se nota na variante *sustê*. Também não é de *bailar* que provém a forma mais divulgada, mas de uma forma com metátese **[baˈlja] > *[baˈʎa]*, donde, por exemplo, CPGB *badja*, CPI de Damão e nordestino *balhá*. Outra metátese que ocorre tanto no PB como no CPI é *gardecê* por *agradecer*. A forma *lantá* por *levantar* se encontra no CPST, CPAB, no CPI do Ceilão, no CPM (em CPA se diz [laˈta]); em Damão e no nordestino é *launtá* (ou *lavantá*). Em vez de *bêbado* ou *bêbedo*, é comum, do Brasil ao Ceilão, a forma *beudo*. Em vez de *sábado*, em ambos falares se ouve *saudo*. A palavra antiga *embigo*, registrada no PB, encontra-se no CPI de Damão *imbig*. No dialeto caipira do PB registra-se a forma *bostear* (AMARAL 1955:101), da mesma forma que no PG. O mesmo ocorre com a palavra *função* significando “dança, alvoroço”, presente no PB e no CPI de Diu. Outro exemplo é *inferná* como “aborrecer” no CPM e no PB. A lexia *outro dia* aparece como [utruˈdi] no PG, *otordi* no CPI de Damão, *esturdia* no PB (cf. PP *tur dia* “todo dia”). A expressão CPM *causa di que*, *causo di*, *causi di* aparece também no PB caipira. Também o *pra mode* caipira se encontra no CPCV *pamodi* com valor explicativo “porque, pois”. Alguns casos curiosos são: CPGB [pekaˈdur] significa “pessoa”, [laˈgartu] é “crocodilo”. No CPM [krisˈtaŋ] significa “falante do crioulo” ou o próprio nome do crioulo e o mesmo ocorre no CPGB *kriston* (SCANTAMBURLO 1999: 148). No CPGB [ˈmisti] significa “gostar”, mas o antigo substantivo *mister*, transformado em verbo, mantém o sentido de “dever, precisar” em toda a parte: [meˈte] no CPA; [misˈta] [misˈte] no Ceilão; [mesˈte] no CPM *mesti*; CPC; *mester* no PP. A palavra *cachorro* é usada no PB, no CPI, CPM e no CPC como *cão* e não como *filhote de cão*, como no PE. O substantivo abstrato *amizade*

significa *amigo* no CPI do Ceilão, como em algumas jargões do PB. Também *curtir* como “ter uma experiência” se encontra no CPI de Damão: *e eu islai misér tem curtin* “e eu estou passando essa miséria toda”. Um interessante caso de gramaticalização ocorre com a palavra [bi’as] “viagem” no CPGB, que aparece nos numerais multiplicativos: *dus bias mas garandi* “duas vezes maior”. A palavra *qualidade* significando “tipo” é muito comum no PB: *muitas qualidade de fruta*, como também no CPGB: *koldadi* e no CPC. O uso do verbo *pegar* no sentido de *pôr-se a se vê* também no CPGB: *e pega djanan na tchora* “ele se pôs logo a chorar”. No CPM, o uso de *tocar* lembra o do PB (*toca pagá* “é preciso pagar”) em frases como *eli ja tokah skribeh nomi* “ele precisa escrever o nome”. Também *botar* marca aspecto: CPCM *eu já bota corrê* “pus-me a correr”. Curiosamente se encontra a expressão *largá di mão* tanto no CPM, quanto no PB, significando “desistir”.

CONCLUSÕES

Das três hipóteses formuladas na seção 1, apenas a do ouvinte-sujeito e a do falante-sujeito parecem dispor de fundamentação científica quando se analisam os dados. Os dados são assistemáticos, de modo que não é possível conjecturar nenhum protocioulo, nem um proto-PB. Tampouco compactuamos da vertente que explica por meios neurolingüísticos as semelhanças entre as variantes não-européias, embora achemos que tanto a história quanto o mecanismo de aquisição de linguagem não possam ser abstraídos ao lidarmos com problemas de Sociolingüística ou de Crioulística. Formas reprimidas na infância, como [‘otu] aparecem na “fala rápida” do PB (de qualquer região) e são a forma-base em outras variedades. Ninguém negaria, contudo, que as semelhanças apresentadas são de fato instigantes. A hipótese da deriva, como vimos acima, pode explicar isso facilmente. Diríamos até que facilmente demais, pois há nela um quê de transcendental na inexorabilidade das mudanças e isso incomoda o espírito cético de que o cientista deve munir-se para ser de fato, e por definição, um cientista. Um modo de expressão latente pode não ser documentado por séculos, quer por falta de recurso, quer por tradicionalismo. Somente contrastando o francês moderno com o castelhano se verifica que o [i] daquele idioma é normalmente mais agudo do que deste. Um [e:] do alemão é suficientemente fechado a ponto de se confundir com um [i] para os ouvidos de um falante de português. O [ɐ] do PE não se confunde com o [ə], como ocorre no PB, muito embora o [ɐ] do PE soe muito anterior, quase como um [ɛ] para um falante do PB. Tudo isso desaparece na escrita, tão acostumados que estamos com essas articulações latentes, mas surge mais tarde e a transformação *e > i* é comum nos dialetos alemães e *a > é* nos dialetos portugueses. As entonações regionais que caracterizam os falares do Nordeste brasileiro ou de Minas Gerais desaparecem mesmo na transcrição fonética mais apurada. Essas latências, porém, radicalizam-se numa situação de aquisição de L2. Foi o que basicamente acontece com a realização [‘otu] para *outro*. Como no Brasil ela é muito comum e transregional, mas associada à fala descuidada, raramente será transcrita assim (a menos em caracterizações de personagem, como fazia Gil Vicente). Muitas vezes as transcrições fonéticas não têm esse cuidado. Mas se ela é a única forma de expressão ou se os três sons são pronunciados nitidamente e sem grandes diferenças de entonação, volume ou quantidade, aí ela passa a existir e a ser considerada. O mesmo se pode dizer de unidades maiores como as palavras. Uma expressão como *nomás* no espanhol latino-americano significa “somente”, assim como no catalão *només*. É curioso observar *namas* no CPI do Ceilão, no CPM e no CPC com o mesmo sentido. Chegamos à conclusão de que essa forma, latente por ser rara no PE,

expande-se, por divulgação idioletal (mais talvez do que dialetal) em áreas completamente distantes e uma vez ou outra é documentada. No estudo da transmissão das línguas e de sua história não é o distintivo e o sistemático que importa. Pelo contrário, aquilo que com dificuldade conseguimos admitir que existe, por não ser distintivo, mas associado à chamada Norma, no sentido coseriano parece exercer um papel preponderante, ainda que seja negligenciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Manoel M. Mato Grosso In: MEGALE, Heitor (org). *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 1:113-34, 2000.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário* (1955²). São Paulo; Hucitec/ INL/MEC, 1982.
- AMARAL, Eduardo T. R. Transcrição de fitas: abordagem preliminar. In: MEGALE, Heitor (org). *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 1:195-208, 2000.
- ANTÔNIO, Davilson. Coleta de dados na região de Taubaté: mapeamento das trilhas percorridas pelos bandeirantes. In: MEGALE, Heitor (org). *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 1:77-91, 2000.
- BARTENS, Angela. O período hipotético nos crioulos atlânticos de base lexical ibero-românica. *Papia*. Brasília: UnB, 10:40-49, 2000.
- BATALHA, Graciete N. *Glossário do dialeto macaense: notas lingüísticas, etnográficas e folclóricas*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988.
- BAXTER, Alan N. & LUCCHESI, Dante. Processos de descrioulização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *Papia*. Brasília: UnB, 2(2):59-71, 1993.
- CARVALHO, José G. H. de. *Estudos lingüísticos*. Coimbra: Atlântida, 1969, v.2.
- CHARPENTIER, Jean-Michel. O processo de descrioulização no caso do crioulo macaísta de macau: a passagem dum basilecto para um acrolecto. *Papia*. Brasília: UnB, 4(1):21-31, 1995.
- CLEMENTS, J. Clancy. Efeitos dos processos de adoção de uma nova língua e de empréstimo lingüístico na fonologia do português de Korlai. *Papia*. Brasília: UnB, 3(1):42-60, 1994.
- CORRÊA, Lucas T. A variação lingüística eles/ es e a indeterminação do sujeito. In: COHEN, Maria A. A. M. & RAMOS, Jânia (orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, pp. 183-97.
- COUTO, Hildo H. do. *O crioulo português da Guiné-Bissau* (Kreolische Bibliothek 14). Hamburg: Helmut Buske, 1994.
- _____. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: UnB, 1996.
- _____. Anti-crioulo. *Papia*. Brasília: UnB, 2(1):71-84, 1992.
- DALGADO, Sebastião R. Dialecto indo-português de Ceylão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1900.
- _____. Dialecto indo-português de Goa. *Revista lusitana*. 6:63-84, 1900.
- _____. Dialecto indo-português de Damão. *Ta-ssi-yang-kuo*. Lisboa, 3: 359-67, 1902; 4: 512-23, 1903.
- _____. Dialecto indo-português do Norte. *Revista lusitana*. 9:142-66, 193-228, 1906.
- _____. Dialecto indo-português de Negapatão. *Revista lusitana*. 20: 40-53, 1917.

- FERRAZ, Luiz I. Uma avaliação linguística do angolár. *Papia*. Brasília: UnB, 1(1):38-46, 1990.
- FONSECA, Fernando V. P. da. *Noções de história da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1959.
- GIFFORD, D. J. & HODCROFT, F. W. *Textos lingüísticos del medievo español*. Oxford: The Dolphin, 1966.
- GOILO, E. R. *Hablemos papiamento*. Aruba: De Wit, 1974.
- GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
- GRANDA, Germán de. Retenciones africanas en la fonética del criollo português de Annobón. *Papia*. Brasília: UnB, 1(1):26-37, 1990.
- LIPSKI, John M. Epenthesis vs. elision in Afro-Iberian language: a constraint-based approach to Creole phonology. *Papia*. Brasília: UnB, 10:23-39, 2000.
- LORENZINO, Gerardo. Un estudio comparativo del sintagma nominal en palenquero y en papiamentu. *Papia*. Brasília: UnB, 2(1):50-70, 1992.
- LUCCHESI, Dante & MACHADO, Alzira. A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu. *Papia*. Brasília: UnB, 9:20-36, 1997.
- MARBECK, Joan. Experiencia unguá kristang na Malaka. *Papia*. Brasília: UnB, 3(2):88-97, 1994.
- MELO, Tavares de. Folklore ceilonense. *Revista lusitana*. 10: 102-21, 311-320, 1907; 11: 164-175, 1908.
- NUNES, Mário P. Conceção de tempo e espaço no kristang e no malaio. *Papia*. Brasília: UnB, 3(2):88-97, 1994.
- POST, Marike. Construções com verbos seriais em fá d'Ambú. *Papia*. Brasília: UnB, 2:6-22, 1993.
- REGO, António da S. Influência da língua portuguesa na malaia. *Boletim eclesiástico da diocese de Macau*, 35: 740-5, 1938.
- _____. *Dialecto português de Malaca: apontamentos para o seu estudo*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942.
- RODRIGUES, Ângela C. & FERREIRA NETTO, Waldemar. Transcrição de inqueritos: problemas e sugestões. In: MEGALE, Heitor (org). *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 1:171-93, 2000.
- SCANTAMBURLO, Luigi. *Dicionário de guineense: introdução e notas gramaticais*. Lisboa: Colibri/ Faspebi, 1999. v.1.
- SCHALKWYK, H. van. *Afrikaans*. Chicago: NTC, 1992.
- SILVA, Baltasar L. da. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1989.
- TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1990.
- VALKHOFF, Marius F. (org) *Miscelânea luso-africana: colectânea de estudos coligidos*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975.
- VASCONCELLOS, José L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1987.